Aula 8

CAMPOS HISTORIOGRÁFICOS

META

Discutir sobre o quanto o Marxismo e a Escola dos Annales realizaram um profundo questionamento da história positivista e como isto repercutiu na historiografia brasileira.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Perceber a influência, em nosso meio acadêmico, do Marxismo no que se refere à utilização do materialismo histórico como método de estudo e de pesquisa; e dos Annales ao relacionar a história com as ciências sociais, modernizando seus métodos, seu conceito de fontes, etc.

PRÉ-REQUISITOS

Ter compreendido as aulas 5 e 6.

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO:

Meu prezado aluno/minha prezada aluna,

Apesar da ansiedade para concluir todas as aulas, começo a pensar no momento em que essa conversa à distância será interrompida. Transcorridos trinta longos anos dedicados ao magistério, preciso confessar que esta se constitui numa experiência indescritível.

Portanto, avizinhando-se o encerramento do nosso bate-papo, quero dividir com você trechos do artigo Novos ventos para a História, de Manolo Florentino, professor de História na UFRJ. Estes trechos, a meu ver, são significativos para a sua reflexão. É, até mesmo, um truísmo dizer que toda historiografia evolui por meio de saltos de rumo incerto. Até por isso, a velocidade e a abrangência com que muda a nossa historiografia recente impõem alguma reflexão. [...] Recorde-se que, de Capistrano de Abreu a Sérgio Buarque, passando por Gilberto Freyre e demais, nossa historiografia se constitui ao redor do “Pensar o Brasil”, e o fez nomeando mais referências políticas e culturais do que econômico. (FLORENTINO, Revista Nossa Historia, 2008, ano 21 nº 24).

Aproveitando as dicas do Manolo Florentino, quero lhe dizer o seguinte: procure acompanhar e registrar através de cada aula as mudanças ocorridas na nossa historiografia.

A aula de hoje focaliza um desses momentos.

Muito boa aula!

ESCOLA DOS ANNALES

Especialista em história medieval, Bloch distingue-se ainda como conhecedor da história das populações rurais. Durante cerca de dez anos, de 1929 a 1938, sua maior atividade concentra-se na divulgação dos Annales, que publica alguns de seus notáveis artigos, como “O problema do ouro na Idade Média” e “Aparecimento e conquista do moinho d’água”.
(Fonte: http://pessoasimportantesdahistoria.blogspot.com.br).

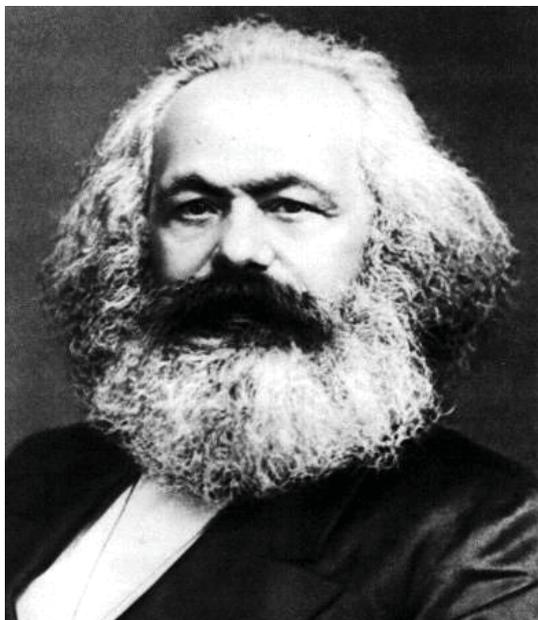
Febvre inaugurou a moderna concepção de análise das estruturas na histórica, relatando as relações entre o meio físico e a sociedade, tidos como elementos necessários para estudar as macro-problemáticas (Fonte: http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2010/09/historia-estrutura-e-sujeito.html)
(Fonte: http://historiaeluz.blogspot.com.br).

Essa corrente do pensamento historiográfico surgiu com a inauguração da revista: "Analles de História Econômica e Social", fundada em 1929 pelos historiadores Marc Bloch (1886-1944) e Lucién Febvre (1878-1956) (ambos professores da Universidade de Estrasburgo). A intenção era promover estudos relativos às estruturas econômicas e sociais, favorecendo possíveis contatos interdisciplinares no seio das Ciências Sociais. Os horizontes de ação do historiador ampliavam-se e possibilitavam recuperar o passado por intermédio de questões colocadas pelo tempo presente, assim como a ampliação da noção de fonte. A História deixa de ser "narrativa" para ser "problema": Na história-problema, o historiador escolhe seus objetos no passado e os interroga a partir do presente. Ele explicita a sua elaboração conceitual, pois reconhece a sua presença na pesquisa: escolhe, seleciona, interroga, conceitua.

A noção de tempo é encarada da seguinte forma: A divisão entre "tempo do acontecimento, da conjuntura e da longa duração ou estrutura" (BITTENCOURT, 2004, p. 146) possibilitou uma ampliação da noção de tempo à História e definiu novos aportes metodológicos para apreensão da memória histórica.

OS INTELECTUAIS E A DÉCADA DE 50

Não é tarefa desta disciplina revisar a chegada das ideias de Marx no Brasil, as referências de intelectuais a Marx no século XIX, as diferenças existentes entre o positivismo e o marxismo e a aplicação do marxismo à realidade brasileira. Por isso, avançando quantitativamente e qualitativamente no tempo histórico, aportaremos lá pelos idos dos anos 50 do século XX, para termos a oportunidade de encontrar o sociólogo Florestan Fernandes, o escritor Antônio Candido, os marxistas Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Leôncio Basbaum e outros.

KARL MARX

Karl Marx, Economista, Historiador, Sociólogo e Filósofo
(Fonte: http://www.overmundo.com.br).

A Filosofia marxista configurou, de fato, um novo enfoque teórico de análise da História. Enquanto os historiadores positivistas baseavam seus estudos na "genealogia da Nação Moderna", por intermédio dos documentos oficiais escritos, compondo uma história das elites políticas, "reacionária" do ponto de vista teórico, Marx afirmava ser a Luta de classes o verdadeiro fundamento de uma História em movimento. Para Marx, o "trabalho" (categoria fundante de sua filosofia), entendido como as múltiplas relações entre os homens e a natureza, relação esta que ocorre como condição material da vida em sociedade, representa o estágio ou modelo de produção de organização social e econômica de um determinado espaço e período histórico.

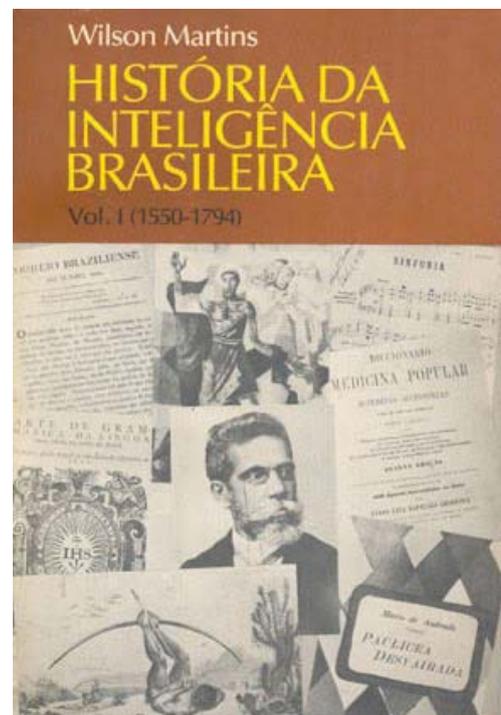
O "acontecimento" e "as ações individuais" (fundamentais para os historiadores positivistas) provocadores de transformações e mudanças, são para os historiadores marxistas, conseqüências naturais do estágio do modo-de-produção em curso.

O que se pode comentar sobre os anos 50? De acordo com Leandro Konder:

> As mudanças que ocorriam na sociedade brasileira, nos costumes, na vida cultural, nas atividades políticas, no quotidiano da população e nas relações com o mundo lá fora! (no exterior) não podiam deixar de influir nas modificações da maneira de pensar a história. O processo pelo qual a história era repensada, entretanto, era inevitavelmente contraditório.
> Os intelectuais refletiam sobre a história de ângulos diversos e viam nelas coisas muito diversas. Os historiadores não se moviam na mesma direção. As análises e revisões que eram então empreendidas se faziam em torno de questões distintas e a partir de avaliações fundadas sobre critérios não coincidentes. [...] A história era reconsiderada à luz de preocupações que divergiam conforme a interpretação quer era feita por cada um dos seus interpretes. (KONDER, 2001:358).

A tônica dominante nos trabalhos produzidos, seja por intelectuais ou por historiadores, é o conservadorismo expresso sob formas distintas de pensamento. É interessante observar que, apesar de ter sido lançado na década de 30, o livro Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, ainda exerce influência no começo da década de 50. A partir da segunda metade dos anos 50, outros trabalhos com manifestação do espírito conservador vigente podem ser citados: *História das Inteligências Brasileira* (1955), de Wilson Martins; a antologia intitulada *O Brasil no Pensamento Brasileiro* (1956), de Djacir Meneses; *História da Escravidão* (1955), de Pedro Calmon.

Ainda nos falando sobre este período, Leandro Kondor escreve: *outra linha que pode ser reconhecida nas tentativas de interpretação da história da sociedade brasileira, é aquela que tem sido designada como nacional-desenvolvimentista. (Konder, 2001: 362).*

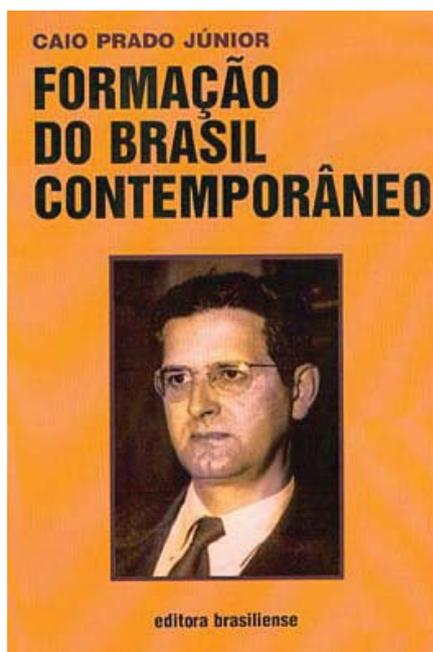
Esta linha que é oficialmente representada pelo Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e

Capa do Livro História da Inteligência Brasileira de autoria de Wilson Martins.
(Fonte: http://blogdomaranhao.blogspot.com.br).

Política (IBESP) tinha na figura de Hélio Jaguaribe ver dos seus destaques. O instituto passou a editar a Revista *Cadernos de Nosso Tempo* cujo programa era examinar o Brasil na perspectiva do nosso tempo e o nosso tempo na perspectiva do Brasil. O que chama atenção neste momento é que a Revista "abordava um tema teórico delicado: *O Marxismo*".

O IBESP, teve pouco tempo de existência, sendo substituído pelo ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros)

OS HISTORIADORES E O MARXISMO

É ainda de Konder esta afirmação? "O Marxismo já tinha nos anos 50 um representante altamente qualificado entre os historiadores brasileiros: Caio Prado Junior". Depois de ter publicado *Evolução política do Brasil (1933), Formação do Brasil contemporâneo (1942) e História Econômica do Brasil (1945),* entretanto ele estava dedicado à elaboração de estudos filosóficos, como *Dialética do conhecimento (1952)* e *Notas introdutórias à lógica dialética (1959)* a estudos econômicos como *Esboço dos fundamentos da teoria econômica (1957)* e a artigos políticos, que saíam na *Revista Brasiliense*.

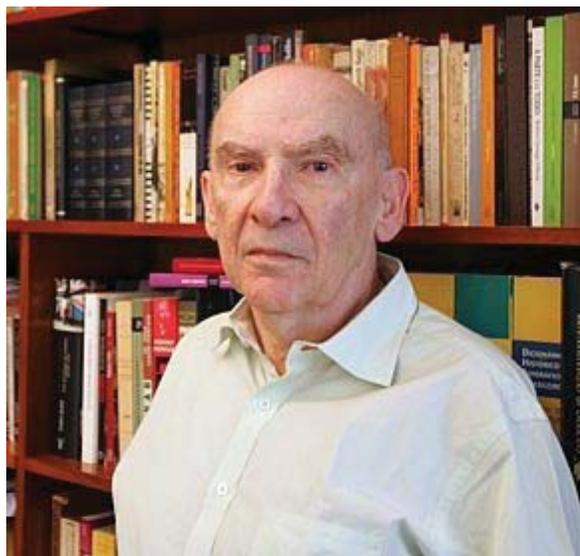
Todavia o historiador marxista alinhado com a perspectiva do PCB que se notabilizou e ganhou respeitabilidade nos anos 50 é NELSON WERNECK SODRÉ, que, como membro do ISEB, desenvolveu uma intensa atividade através dos cursos e inúmeras publicações, tais como, *O tratado de Methuen (1957), As classes sociais no Brasil (1957), Introdução à Revolução Brasileira (1958), Raízes Históricas do Nacionalismo Brasileiro (1958) e Formação Histórica do Brasil (1961).*

Capa do Livro Formação do Brasil Contemporâneo de autoria de Caio Prado Júnior (Fonte: http://baixarbonslivros.blogspot.com.br).

Nesse primeiro momento, ou seja, nesta fase pioneira do Marxismo, a teoria é ainda mal conhecida e mal utilizada no Brasil. (REIS, 1999: 154). Talvez, isto tenha contribuído para um movimento, pelo qual, na universidade independentemente do Partido Comunista, houvesse o crescimento do número de intelectuais que passou a fazer suas próprias leituras e interpretações das corrupções de Marx (KONDER, 2001: 370). Assim sendo, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, formou-se um grupo de estudos para a leitura de *O Capital,* de Karl Marx, cujos integrantes eram o filósofo José Arthier Granotti, pelos sociólogos Otávio Janni, Fernando Henrique Cardoso (discípulo de Florestan Fernandes) pela antropóloga Ruth Cardoso, pelo economista Paulo Singer e pelo historiador Fernando Novaes. O tema mais ou menos seria "entender bem Marx para depois cada um resolvesse em que condições poderia adotar ou não a perspectiva do pensador alemão" (KONDER, 2001: 372).

HISTÓRIA OPERÁRIA E MARXISMO

Até os anos 60, o que existia era a produção militante na sua maioria produzida por comunistas. A partir daí, teve início no Brasil as primeiras sínteses sociológicas tematizando a classe operária.

Entretanto, nos anos 70, "a história acadêmica entrou no campo dos estudos operários que até então estava limitado à sociologia e em menor grau à ciência política. (BATALHA, 1997: 150).

Neste aspecto foi decisiva a contribuição dos trabalhos produzidos pelos acadêmicos americanos especializados no Brasil, denominados "Brasilianistas". Servia de exemplo Michael Hall, autor de Origem da classe operária no Brasil (1969).

Boris Fausto em dezembro de 2010.
Nascimento:8 de dezembro de 1930 (81 anos) São Paulo.
Ocupação: historiador, professor, cientista político
(Fonte: http://pt.wikipedia.org).

Levando em conta trabalhos produzidos por brasileiros, possivelmente o artigo de Maria Cecília Baeta Neves, *Greve dos Sapateiros de 1906*, represente o primeiro exemplo da historiografia do movimento operário surgido nos anos 70.

Todavia, é Boris Fausto que em 1976, com seu *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920*), é que inaugura, entre os estudiosos brasileiros da classe operária, procedimentos de pesquisa que são de praxe no ofício de historiador mas que até então eram pouco seguidos (BATALHA, 2001: 151).

Daí em diante, o processo evolui em razão do surgimento das primeiras dissertações de mestrado e centros de documentação dedicados à história operária.

A PRODUÇÃO DOS ANOS 80

O início dos anos 80 caracterizou-se por uma mudança na conjuntura do país. Desnecessário falar das inúmeras consequências decorrentes do golpe de 64. Em 1978, o operariado volta à cena com a greve dos metalúrgicos do ABC paulista. A diminuição da repressão política foi se refletindo no meio acadêmico, através do aumento do número de programas de pós-graduação. Some-se o interesse dos editores que passam a publicar estudos relativos a esse campo.

Associado a este momento, registre-se a contribuição e a influência da produção historiográfica marxista inglesa, particularmente, *A formação da classe operária inglesa*, de Edward Thompson (1987) e *Trabalhadores e Mundos do Trabalho*, de Eric Hobsbawm (1981).

Em suma, houve, nos anos 80, tanto uma ampliação cronológica quanto temática, abrangendo condições de trabalho, processo de trabalho, condições de vida do operariado, cultura operária, mulheres operárias, origens da legislação trabalhista, correntes reformistas.

Que tal conferir alguns desses trabalhos?

- Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930) – Maria Alice Rosa Ribeiro.
- Portos, relações de produção e sindicato: o caso do Rio de Janeiro na Primeira República (1986) – Maria Cecília Velasco e Cruz.
- Nem pátria, nem patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil (1983). – Francisco Foot Hardman.
- Mulheres e Trabalhadoras. Presença feminina na Constituição do sistema fabril. (1981) – Maria Valéria Junho Pena.
- Condições de vida dos artesãos e do operariado no Rio de Janeiro da década de 1880 a 1920. (1981) – Eulália Maria Laheyer Lobo.
- A legislação trabalhista no Brasil (1981) – Kazumi Munakata.
- Pão e Pau: política de governo e sindicalismo reformista no Rio de Janeiro (1923-1926) – Michel Zaidan.

O final dos anos 80 é marcado por uma crise no que se refere a este campo de estudo. Possivelmente, a revigoração da história social e os "sinais de esgotamento do Marxismo como modelo de interpretação do passado" tenham contribuído. Este, porém, é um assunto impertinente para abordado neste espaço e neste momento, até porque foge ao objetivo dessa matéria.

PARA OS ANNALES, SEM PROBLEMA NÃO HÁ HISTORIA.

Afinal, o que vem a ser a Escola dos Annales? Qual a originalidade e qual o valor de sua nova história?

Nada melhor do que começar esta conversa com esta colocação instigante de José Reis: essa abertura e ampliação do campo dos objetos, das fontes e técnicas históricas, estão associadas à inovadora proposta teórica da história – problema. O historiador não estaria mais submetido à tirania da heurística, se para Langois e Seignobos sem documentos não há história, para os Annales, "sem problema não há história". É o problema e não a documentação que está na origem da pesquisa, isto é sem um sujeito que pesquisa, sem o historiador que procura respostas para questões bem formuladas; não há documentação e não há história. (REIS, 2004: 24).

Podemos imaginar o impacto e a revolução que causou a História e aos historiadores!!... E mais parafraseando Peter Burke, a historiografia jamais será a mesma.

A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico constituído em torno do periódico acadêmico Frances Revista de Estudos Econômicos e Sociais, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febure e Marc Bloch em 1929, propunha-se a ir além da visão positivista da história como crônica de acontecimentos. Em relação à historiografia, de uma maneira geral, de acordo com Peter Burke a mais importante contribuição do grupo foi "expandir o campo da história por diversas áreas. [...] ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais" (BURKE, 1991: 126).

Na segunda metade do século XX, nota-se um avanço do campo social no campo da interpretação histórica. Entre 1960 e 1970, os relatos histórias passam a priorizar as relações sociais e não mais à trajetória de líderes e instituições políticas. A Escola dos Annales amplia os limites da história ao estudar diversos aspectos da vida social e, por isso, possibilita o diálogo com as outras ciências sociais. A interdisciplinaridade concretiza a opção da história pelo ponto de vista da ciência social se afastando definitivamente da filosofia.

Frise-se, ainda, que o diálogo da história com as ciências sociais levou-a a estudar a civilização material, o poder e as mentalidades coletivas. Estas

extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las.

Enfim, a influência da Escola dos Annales é muito expressiva. Ressalte-se que a necessidade, por parte dos historiadores, em problematizar temas tão pouco trabalhados pela historiografia tradicional, levou a ampliar seu universo de fontes, bem como a desenvolver algumas abordagens convencionais à medida que se aproxima das demais ciências sociais. Em suma, a interdisciplinaridade é uma realidade para produção historiográfica de hoje.

CONCLUSÃO

Com certeza, o modelo de análise marxista foi utilizado por outros campos e áreas da história. Entretanto, para justificar a influência do marxismo na nossa produção historiográfica, tomou-se como exemplo a história operária. Ela esteve no auge um pouco mais de duas décadas até que no final dos anos 80 foi perdendo espaço para outras tendências e novas abordagens, ainda da Escola dos Annales. Tanto esta quanto o marxismo realizaram um profundo questionamento da história positivista, o que sem dúvida muito contribuiu para mudanças de rumo da historiografia brasileira.

RESUMO

Nesta aula, ficou demonstrado que a partir da segunda metade do século XX, houve o avanço do social no campo da interpretação histórica. Passa-se a se fazer uma história de orientação social. Na década de 50, apesar da existência de análises com viés conservador, percebe-se a introdução e depois a adoção das teorias marxistas na análise da realidade brasileira. As discussões sobre o Capital de Marx chegam a USP. Por fim, o surgimento de uma produção historiográfica sobre a classe operária. A partir dos anos 60, a influência dos Annales começa a ganhar espaço no fazer da história brasileira. Hoje, apesar de outras tendências, a Escola dos Annales é presença na historiografia brasileira.

ATIVIDADES

Desenvolva uma pesquisa na internet, orientada pelo seu tutor a distância, inserindo as palavras-chave "materialismo histórico" e "interdisciplinaridade". Em seguida, escolha um dos vários sites que possuem textos sobre estas temáticas e, após selecionar um desses textos, elabore um resumo de uma lauda (01 página). Construa o texto com suas próprias palavras.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O aluno através dessa atividade deverá entender os conceitos de materialismo histórico, interdisciplinaridade e o modo como interferem no processo de produção dos conhecimentos.

PRÓXIMA AULA

Campos historiográficos: análise e discussão (síntese).

REFERÊNCIAS

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil (de Varnhagen a FHC)**. 2ª Ed. Ed: FGV, 1999.

KONDER, Leandro. Op. Cit.

BATALHA, Claudio H. M. **A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências**. In, Historiografia Brasileira em Perspectiva Marcos César de Freitas (org.) 4ª Ed. São Paulo: Contexto; 2001.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales. (a inovação em História**. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989) A revolução francesa da historiografia.** 3ª Ed. Tradução de Nelo Odália, São Paulo: Ed. UNESP, 1991.